

DF - Brasília

O espírito dos pioneiros

CORREIO BRAZILIENSE

GUY DE ALMEIDA
Especial para o CORREIO

Neste dia de tanta significação para todo o Brasil, em especial para Brasília, por ser o dia de seu Fundador, desvanece-me e emociona-me a dupla distinção com que estou sendo galardoado: a de receber a Medalha do Clube dos Pioneiros e, ao mesmo tempo, a de falar em nome dos agraciados, havendo tantos entre eles com mais expressiva qualificação para interpretar-nos a todos.

Em uma cidade com as peculiaridades de Brasília, em seus 26 anos de existência, ser pioneiro é ter o privilégio ou a pesada responsabilidade de conviver simultaneamente com o passado, o presente e o futuro.

As responsabilidades de Governo ensinam-nos a cada dia a dimensão, a complexidade e a importância dessa singular condição, na medida em que se conserve na mente, na alma e no coração o que os norte-americanos chamam de "o espírito dos pioneiros", responsável, em grande medida, pelo rápido e espantoso desenvolvimento de seu país.

Para conservá-lo, é preciso estar permanentemente consciente de que Brasília não é apenas o projeto de uma cidade, de uma capital, mas o projeto de um novo País.

Pois cabe a pergunta: que alternativa teríamos sem Brasília, sem a abertura desse novo espaço, dessa nova perspectiva de desenvolvimento diante do dramático e simultâneo processo de concentração urbana e de renda, de exacerbação consumista e de acirramento das contradições sociais verificado ao longo dos anos recentes de autoritarismo?

O que seríamos hoje sem aquele gesto premunitório de Juscelino Kubitschek, naquele longínquo metade da década de 50, que mitificou a sua legenda de "temporâneo do futuro" e tem o encanto de uma predestinação?

Por que ele escolheu, para começar a sua campanha presidencial, o Planalto Central, e, nele, Jataí, "uma cidade perdida nos sem-fins de Goiás", na sua própria expressão? Por que fugiu à rotina dos candidatos de privilegiar cidades e populações do litoral? Por que estava ali Antonio Carvalho Soares, o Toniquinho, para cobrar do candidato o que ele não havia colocado entre os 30 pontos de seu Plano de Metas? Por que o candidato de imediato se deu conta da importância da questão e a endossou audaciosamente diante da multidão?

Não apenas porque ele tinha e teria até o final de sua vida um compromisso exemplar e coerente com a legalidade, com a Constituição que determinava em suas disposições transitórias a mudança da Capital para o Planalto Central.

Mas principalmente porque — e reproduzo literalmente as palavras de Juscelino Kubitschek — "o grande desafio da nossa História estava ali: seria forçar-se o deslocamento do eixo do desenvolvimento nacional".

O político realista, o estadista sonhador e visionário, que trocara a comodidade da tradição litorânea pela aspereza interiorana para dar o primeiro sinal de sua previsão, explicava:

"Ao invés do litoral — que já havia alcançado certo nível de progresso — povoar-se o Planalto Central. O núcleo populacional, criado naquela longínqua região, espalhar-se-ia como uma mancha de óleo, fazendo com que todo o interior abrisse os olhos para o futuro grandioso do País. Assim, o brasileiro poderia tomar posse do seu imenso território. E a mudança da Capital seria o veículo. O instrumento. O fator que iria desencadear o novo ciclo bandeirante".

A construção da nova Capital surge, então, no seu Plano de Metas como a Meta-Síntese, a 31^a, a principal.

De que outra forma se justificaria o imenso investimento que aqui se fez e se faz? E o sacrifício de tantos seres humanos, como Vocês, os pioneiros, que aqui viveram ao sol e ao relento, seduzidos pelo sonho visionário de construir uma nova Capital? E, mais do que isso, o sacrifício de toda a Nação que aqui concentrou parte considerável de sua riqueza, desviando-se de soluções imediatas para alguns de seus problemas seculares e quotidianos?

Por isso, pioneirismo foi a palavra chave de Brasília ontem, é a palavra chave de Brasília hoje, será a palavra chave de Brasília amanhã.

Por isso, é preciso, para o bem do Brasil, que esse desafio permaneça na consciência de todos os habitantes dessa cidade planejada para ter 500 mil habitantes no ano 2.000 e que já tem hoje 1.600.000 preludiando os 4 milhões do final do século.

E preciso, porque antes mesmo que a influência irradiadora de progresso de Brasília se espalhasse como uma mancha de óleo, como queria o Fundador, levando a sua mensagem de modernidade e prosperidade a todo o País, o País real dela se acercou, invadiu-a, colocou-se à sua frente, como uma advertência, como um sinal de alerta para que ela não se entorpecesse na sua beleza, na sua concepção vanguardista, não se iludisse com o reconhecimento universal de sua grandeza, não se deixasse traer, confirmado a mordacidade dos que a chamam "Ilha da Fantasia".

Porque Brasília é, hoje, o símbolo, nas suas contradições, das aspirações de uma Nação que é mais Ceilândia, mais o Gama ou Braziliandia, do que o Plano Piloto de renda per capita 5 até 7 vezes maior do que o de Cidades-Satélites vizinhas.

O Plano Piloto faustoso, mágico, irresistível à emoção estética da modernidade de Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Burle Marx. A cidade construída pelos pioneiros representados nas mãos caladas dos cangangos, na entrega e dedicação dos servidores públicos, na sensibilidade e dinamismo de seus primeiros empresários.

Brasília não cumpriu ainda toda a sua missão e está longe disso. E o aprendemos a cada dia, para benefício do sentido vanguardista da cidade em seus múltiplos níveis, aberta a todos as experiências, acima de tudo e sempre uma cidade pionera.

O desafio permanece e com ele a advertência aos pioneiros para que não se

acomodem, não considerem a missão cumprida, não baixem a guarda.

Brasília é uma proposta de cidade, de viver, que somente será preservada se sua concepção progressista se estender a todo o País como a "mancha de óleo" apresentada por Juscelino Kubitschek. A mancha de óleo capaz de curar a dramática chaga social que o Presidente José Sarney, falando por todo o Brasil, denunciava, ainda ontem, com ênfase e energia, em Washington.

Estou certo de que se aqui estivesse hoje, comemorando conosco o seu 84º aniversário, Juscelino diria que, se assim não for, Brasília submergirá com todo o País, envolvida pelo caos econômico e social. Ficará registrada na história, para as gerações futuras, como o ato irresponsável de uma geração sem a consciência de seus deveres.

Porque Brasília é o sonho de muitas gerações, cumprido em um determinado instante por uma geração predestinada, não como a pura realização de um prazer estético ou de um modo exclusivo de viver, mas como o símbolo de uma profunda reforma, Meta-Síntese de um destino histórico.

Porque Brasília é o símbolo de um sonho de Nação com um destino pioneiro, que já oscila entre o Terceiro Mundo subdesenvolvido e o mundo industrializado.

De uma Nação que ainda não se comprometeu irremediavelmente com os modelos saturados dos países industrializados, agentes de um importante momento histórico de avanço, mas que já não nos servem para a construção do futuro. Que não dispõem de grandes espaços para as experiências inovadoras — e, talvez por isso, em lugar de contribuir para o equacionamento dos dramáticos problemas que envolvem a maior parte da humanidade, buscam preferencialmente o espaço sideral. Modelos que se comprometeram, enfim, com a degradação ecológica, o condicionamento bélico e a exploração colonial.

Está ai certamente a chave da antológica referência de André Malraux, que reviveu aqui os sonhos perdidos de seu passado revolucionário, emergindo de uma célica e sofisticada visão dos condicionamentos da nossa civilização moderna para denominar Brasília de "a Capital da Esperança".

Esperança de um novo mundo, de uma nova concepção de viver.

Esperança, o alimento natural do pioneiro.

A cidade da arquitetura mágica, da nova concepção urbanística, é hoje — superado o verticalismo autoritário que sobre ela se abateu na infância — a cidade da nova experiência democrática, da elaboração da Nova República, da abertura ecumênica para credos e religiões diferentes, da busca de fórmulas alternativas de viver, dos mutirões, dos combinados agrourbano, da alta tecnologia, da medicina natural, da reconquista de sua vocação vanguardista sob o comando firme, inquieto e criativo do Governador José Aparecido de Oliveira, que, no dizer de D. Sarah Kubitschek, recuperou para Brasília a visão e os sonhos de Juscelino, o pioneiro nº 1.

Esse tem sido na realidade um objetivo do atual Governo, caracterizado na reinserção de Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e Burle Marx na paisagem da cidade, na sua reelaboração quotidiana. "Vamos devolver a Brasília" — anunciou o Governador ao iniciar o seu mandato — "a sua incontrastada identidade de centro de convergência e irradiação do pensamento nacional".

Esta recuperação da identidade se persegue também na decisão do Governador José Aparecido de resgatar a memória do Fundador, durante o ano de 1986, ao completarem-se os 10 anos de sua morte.

Foram postas em debate as suas ideias, os seus objetivos de governo, as suas obras, a Meta-Síntese, relegados aos arquivos ao longo de quase todo o período do regime autoritário, cujos mentores obstinaram-se, até a sua morte física, em negar a sua obra, em abafar as suas inspirações.

Por tudo isso, fascinante esse esforço de congregação, de alerta permanente, de relembrança quotidiana, inserido em instituições como o Clube dos Pioneiros. Nele deve estar a memória dos primeiros tempos, dos objetivos maiores, mais generosos e permanentes. Nele deve estar o compromisso contra a acomodação, o objetivo de estar sempre ao lado das inspirações maiores que geraram Brasília.

Nele deve estar a consciência de que o espírito pioneiro, solidário — como mostrou o comovente gesto do Presidente Carlos Rodrigues ao exigir o lugar adequado para enterrar o pioneiro Silvio Roncador — não morre com a geração que construiu a cidade, mas deve ser transmitido às gerações que se sucedam como um compromisso definitivo.

Ser pioneiro principalmente em um país que enfrenta desafios como o nosso, não deve ser apenas um ato fracionado na história; deve ser, antes de tudo, um estado de espírito permanente.

Por tudo isso, creio que interpreto o sentimento de todos os homenageados ao agradecer comovido o privilégio com que os Senhores nos honraram ao conferir-nos essa medalha que figurará em lugar de honra entre as melhores recordações de nossa aventura de viver. E os interpreto também ao desejar-lhes pleno êxito na tarefa que os espera, como novos diretores, encarregados de assegurar a prosperidade do clube.

Agradeço, também, finalmente, a paciência de todos Vocês de ouvirem essas reflexões que começaram a povoar a minha mente desde aquele deslumbrante dia já longínquo de 1958, em que, a convite do Dr. Israel Pinheiro vim, com um grupo de jornalistas e parlamentares mineiros, ver como se construía a nova Capital de um País que firmou aqui um compromisso pioneiro com o futuro.

Chefe do Gabinete Civil do GDF, Guy de Almeida fez este discurso ao agradecer, sexta-feira à noite, homenagem do Clube dos Pioneiros a um grupo de personalidades.